

## O LUGAR DO SENTIMENTO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO<sup>1, 2</sup>

**B. F. SKINNER**

Uma resenha do livro *Behaviorism: A Conceptual Reconstruction* (1985) de autoria de Gerald Zuriff, publicada no *London Times Literary Supplement* (1985) começa com uma história sobre dois behavioristas. Eles fazem amor e um deles diz: “Foi bom para você. Como terá sido para mim?” O autor da resenha, P. N. Johnson-Laird, insiste que há uma “grande semelhança” com a teoria behaviorista. Não se imagina que os behavioristas tenham sentimentos, nem que, ao menos, admitam possuí-los. Dentre as muitas formas em que o behaviorismo tem sido interpretado de forma equivocada por muitos anos, talvez essa seja uma das mais comuns.

Uma preocupação possivelmente excessiva com a “objetividade”, talvez seja responsável pela confusão. Behavioristas metodológicos, assim como positivistas lógicos, argumentam que a ciência deve restringir-se a eventos passíveis de serem observados por duas ou mais pessoas. A verdade tem que ser verdade pela concordância. Aquilo que é visto através da introspecção não se qualifica como tal. Existe um mundo privado de sentimentos e estados da mente, mas ele está fora do alcance de uma segunda pessoa e, portanto, da ciência. Certamente, essa não é uma posição satisfatória. A maneira como as pessoas se sentem é, frequentemente, tão importante quanto o que elas fazem.

O behaviorismo radical nunca assumiu essa posição. Sentimento é um tipo de ação sensorial, assim como ver e ouvir. Nós vemos um paletó de lã, por exemplo, e também o sentimos. Isso não é, por certo, equivalente a sentir-se deprimido. Sabemos algumas coisas sobre os órgãos através dos quais sentimos o paletó, mas conhecemos pouco, se é que conhecemos algo, sobre os órgãos pelos quais nos sentimos deprimidos. Podemos sentir o paletó pelo tato, passando os dedos sobre o tecido para aumentar a estimulação, mas parece não existir nenhuma forma de sentir a depressão pelo tato. Temos outras maneiras de sentir o paletó, e fazemos várias coisas com isso. Em outras palavras, dispomos de outras formas de saber o que estamos sentindo. Mas, o que estamos sentindo quando nos sentimos deprimidos?

William James antecipou a resposta behaviorista: o que sentimos é uma condição do nosso corpo. Nós não choramos porque estamos tristes, diz James, estamos tristes porque choramos. Com certeza, não é bem assim, porque fazemos muito mais do que chorar quando sentimos tristeza e podemos sentir tristeza quando não estamos chorando, mas de qualquer forma sinaliza-se a direção correta: o que sentimos são condições corporais. Fisiólogos, eventualmente, as observarão de outra maneira, da forma como observam qualquer outra parte do corpo. O livro *Bodily Changes in Pain, Hunger, Fear and Rage* (1929), de Walter B. Cannon, foi um estudo precursor sobre algumas

---

<sup>1</sup> Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas, SP: Papyrus. Cap. 1

<sup>2</sup> Texto traduzido por Hélio José Guilhardi e Patrícia Piason Queiroz, para uso exclusivo dos grupos de estudo e supervisão do Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento (Campinas-SP).

condições frequentemente sentidas. No entanto, podemos, por nós próprios, responder diretamente a elas. Fazemos isso de duas maneiras diferentes. Por exemplo, respondemos a estímulos gerados por nossas articulações e músculos de uma maneira, quando andamos de lá para cá e, de forma diferente, quando dizemos que nos sentimos relaxados ou mancamos. Respondemos a um estômago vazio de uma maneira, quando comemos e, de modo diferente, quando dizemos que estamos com fome.

As respostas verbais nesses exemplos são os produtos de contingências especiais de reforçamento. Elas são arranjadas por ouvintes, e são especialmente difíceis de serem arranjadas quando aquilo sobre o que se fala está fora do alcance do ouvinte, como usualmente acontece com eventos que ocorrem dentro da pele do falante. A genuína privacidade, que sugere que temos que conhecer especialmente bem nossos próprios corpos, é uma severa limitação para os que devem nos ensinar a conhecê-los. Podemos ensinar uma criança a nomear um objeto, por exemplo, apresentando ou apontando o objeto, pronunciando o nome dele e reforçando uma resposta similar emitida pela criança, mas não podemos fazer o mesmo com um estado do corpo. Não podemos apresentar ou apontar uma dor, por exemplo. Ao contrário, inferimos a presença da dor a partir de algum acompanhamento público. Podemos, por exemplo, ver uma criança levar um tombo e dizer: “Deve ter doído”, ou vemos o susto da criança e perguntamos: “Está doendo?”. Podemos responder só a pancada ou só ao susto, mas a criança também sente um estímulo privado e pode dizer “dói” quando ele ocorre, mesmo sem um acompanhamento público. Uma vez que eventos públicos e privados raras vezes coincidem exatamente, palavras que designam sentimentos não são ensinadas com tanto sucesso quanto palavras que designam objetos. Talvez, seja por essa razão que filósofos e psicólogos raramente concordam quando falam sobre sentimentos e estados da mente e porque não existe uma ciência do sentimento aceitável.

Por certo, há séculos se diz que nos comportamos de uma dada maneira por causa de nossos sentimentos. Comemos porque sentimos fome, brigamos porque sentimos raiva e, em geral, agimos de acordo com o que estamos sentindo. Se isso fosse verdadeiro, nosso deficiente conhecimento dos sentimentos seria desastroso. Nenhuma ciência do comportamento seria possível. Mas, o que é sentido não é uma causa inicial ou iniciadora. William James estava completamente equivocado com seus “porquês”. Não choramos *porque* estamos tristes, ou sentimos tristeza *porque* choramos; choramos *e* sentimos tristeza porque alguma coisa aconteceu. (Talvez alguém a quem amávamos tenha morrido.) É fácil confundir o que sentimos como uma causa, porque nós o sentimos enquanto estamos nos comportando (ou mesmo antes de nos comportarmos), mas os eventos que são de fato responsáveis pelo que fazemos (e, portanto, pelo que sentimos) encontram-se num passado possivelmente distante. A análise experimental do comportamento favorece a nossa compreensão dos sentimentos por esclarecer os papéis dos ambientes passado e presente. Seguem-se três exemplos.

### *Amor*

Um crítico disse que, para um behaviorista, “Eu o amo” significa “Você me reforça”. Bons comportamentalistas diriam: “Você reforça meu comportamento”, e não “Você me reforça”, porque é o comportamento, não a pessoa que se comporta, que é reforçado, no sentido de ser fortalecido; mas eles diriam muito mais. Existe, sem dúvida, um elemento reforçador no amor. Tudo o que os amantes fazem, no sentido de ficarem juntos ou de

evitarem a separação, é reforçado por essas conseqüências e é por isso que eles passam juntos o maior tempo possível. Descrevemos o efeito privado de um reforçador quando dizemos que ele “nos dá prazer” ou “faz com que nos sintamos bem” e, nesse sentido, “Eu o amo” significa “Você me dá prazer ou me faz sentir-me bem”. Mas, as contingências responsáveis pelo que é sentido devem ser mais analisadas.

Os gregos tinham três palavras para amor, e elas ainda são úteis. Psicólogos mentalistas podem tentar distingui-las, atentando para o sentimento do amor, mas pode-se aprender muito mais a partir das contingências relevantes de seleção, não só da seleção natural, como do reforçamento operante. *Eros* é usualmente empregada significando amor sexual e dela, sem dúvida, em parte deriva a palavra *erótica*. Essa é aquela parte do fazer amor que deriva da seleção natural; nós a compartilhamos com outras espécies. (Várias formas de amor parental também são devidas à seleção natural e são igualmente exemplos de *eros*. Chamar o amor materno de erótico não é o mesmo que chamá-lo de sexual.) Fazer amor erótico também pode ser modificado por condicionamento operante, mas uma conexão genética sobrevive, porque a suscetibilidade ao reforçamento por contato sexual é um traço evolutivo. (Variações que fizeram com que certos indivíduos se tornassem mais suscetíveis terão aumentado sua atividade sexual e, por conseguinte, sua contribuição para o futuro da espécie.) Em muitas outras espécies, a tendência genética é a mais forte. Rituais de corte e estilos de cópula variam pouco de indivíduo para indivíduo e, geralmente, são relacionados a tempos ótimos para concepção e às melhores estações para se cuidar do recém-nascido. No *Homo sapiens* predomina o reforçamento sexual, que permite muito maior freqüência e variedade de formas de fazer amor.

*Philia* refere-se a um tipo diferente de conseqüência reforçadora e, portanto, a um estado diferente a ser sentido e denominado amor. A raiz *phil* aparece em palavras como *filosofia* (amor à sabedoria), *filatelia* (amor a selos postais), mas outras coisas são amadas da mesma maneira, sem que a raiz *phil* seja empregada. As pessoas dizem “amo Brahms”, quando têm inclinação a ouvir suas obras, talvez tocá-las, ir a concertos onde são executadas, ou ouvir gravações. Pessoas que “amam Renoir” tendem a ir a exposições de suas obras ou a comprá-las (que lástima, usualmente reproduções...) para poderem ficar olhando para elas. Pessoas que “amam Dickens” tendem a adquirir seus livros. Dizemos a mesma coisa sobre lugares (“Eu amo Veneza”), assuntos (“Eu amo astronomia”), personagens de ficção (“Eu amo Daisy Miller”), tipos de pessoas (“Eu amo crianças”) e, com certeza, amigos, em relação a quem não temos nenhum interesse erótico. (Às vezes é difícil distinguir entre *eros* e *philia*. Pessoas que “amam Brahms” podem relatar que ouvem ou tocam suas peças quase eroticamente, e fazer a corte e amor, às vezes, praticado como formas de arte.)

Se podemos dizer que *eros* é, primariamente, uma questão de seleção natural, e *philia*, de condicionamento operante, então *ágape* significa um terceiro processo de seleção: evolução cultural. *Ágape* deriva de uma palavra que significa ser bem-vindo ou, como define o dicionário, “ser recebido com alegria”. Ao demonstrar que estamos contentes quando uma pessoa se une a nós, reforçamos a união. A direção do reforçamento é invertida. Não é o nosso comportamento, mas o comportamento daquele que amamos, que é reforçado. O primeiro efeito é sobre o grupo. Ao demonstrar que sentimos prazer pelo que outra pessoa fez, nós reforçamos o fazer, e assim fortalecemos o grupo.

A direção do reforçamento é também invertida em *eros* se a maneira pela qual fazemos amor é afetada por sinais de que nosso amante sente prazer. E também invertida em *philia* quando nosso amor por Brahms assume a forma de fundar ou formar uma sociedade para a promoção de suas obras, ou quando demonstramos nosso amor por Veneza, contribuindo para um fundo destinado a preservar a cidade. Nós igualmente demonstramos uma espécie de *ágape* quando honramos heróis, líderes, cientistas e outros, de cujos feitos nos beneficiamos. Dizemos que “os veneramos” no sentido etimológico de proclamar seu valor. (Quando dizemos que os veneramos, o *vem* deriva do latim *venus*, que significa qualquer tipo de coisa prazerosa.) *Veneração* é a palavra mais comum quando falamos de amor a Deus, para o que o Novo Testamento usou *ágape*.

É necessário que elucidemos a direção reversa do reforçamento, especialmente quando ele exige sacrifício. Podemos agir no sentido de agradecer um amante, porque nosso próprio prazer é aumentado, mas por que deveríamos fazê-lo quando isso não ocorre? Podemos promover obras de Brahms ou ajudar a salvar Veneza, porque assim temos mais oportunidades de desfrutá-los, mas por que haveremos de fazê-lo se não pudermos aproveitar? As principais conseqüências reforçadoras do *ágape* são, de fato, artificiais. Elas são inventadas por nossa cultura, e inventadas sobretudo porque é exatamente o tipo de coisa que fazemos nessas circunstâncias que ajuda a cultura a resolver seus problemas e sobreviver.

### *Ansiedade*

Estados corporais muito diferentes são gerados por estímulos aversivos e são sentidos de diferentes maneiras. Há muitos anos, W. K. Estes e eu fomos suficientemente audaciosos para relatar um experimento com o título “Algumas propriedades quantitativas da ansiedade” (1941), embora nós estivéssemos escrevendo sobre ratos. Um rato faminto pressionava uma alavanca numa frequência baixa e estável, sob reforçamento intermitente, com pequenas porções de comida. Uma ou duas vezes, durante uma sessão de uma hora, nós produzíamos um som por três minutos e, em seguida, aplicávamos um leve choque na sua pata traseira. No começo, nem o som nem o choque tiveram nenhum efeito marcante sobre a frequência de resposta, mas o rato logo começou a responder mais devagar enquanto soava o som e, eventualmente, parava de uma vez. Sob circunstâncias um tanto parecidas, uma pessoa diria: “Eu parei o que estava fazendo porque me senti ansioso”.

Nesse experimento, o comportamento alterado foi produzido por reforçamento intermitente operante, mas a alteração seria usualmente atribuída ao condicionamento respondente (clássico ou pavloviano). Há, porém, um problema. Uma mudança na probabilidade ou frequência de responder não é corretamente chamada de uma resposta. Além disso, dado que o choque em si mesmo não suprimiu a resposta, não houve substituição de estímulos. A frequência reduzida, paradoxalmente, parece ser o efeito inato de um estímulo necessariamente condicionado.

Um comentário em paráfrase de Freud começa da seguinte maneira: “Uma pessoa experimenta ansiedade numa situação de perigo, e de desamparo”. Uma “situação de perigo” é uma situação parecida com uma outra em que coisas dolorosas aconteceram. Nosso rato estava em uma situação de perigo, enquanto o som estava sendo apresentado. Ele estava “desamparado” no sentido de que não poderia fazer nada para parar o som ou

fugir. O estado de seu corpo era, presumivelmente, semelhante ao estado que uma pessoa sentiria como ansiedade, embora estivessem ausentes as contingências verbais necessárias para uma resposta comparável a “Eu me sinto ansioso”.

Continuando a paráfrase de Freud: “Se a situação ameaça ocorrer novamente num momento posterior da vida da pessoa, ela experimenta ansiedade como um sinal de perigo iminente”. (Seria melhor dizer “dano iminente”, porque o que ameaça ocorrer novamente é o evento aversivo – o choque para o rato e, talvez, algo parecido com um acidente de automóvel para a pessoa, mas o que realmente ocorre novamente é a condição que precedeu aquele evento – o som ou, digamos, viajar com um motorista descuidado.) A citação é indicativa de que a condição sentida como ansiedade começa a funcionar como um segundo estímulo aversivo condicionado. Tão logo o som começou a gerar um estado particular no corpo do rato, o estado em si mesmo estabeleceu com o choque a mesma relação que o som, e deve passar a ter o mesmo efeito. A ansiedade torna-se, então, auto-perpetuadora e mesmo auto-intensificadora. Alguém poderia dizer: “Estou ansioso, e quando me sinto assim sempre acontece algo terrível”, mas as contingências permitem uma análise melhor que qualquer relato de como a ansiedade auto-perpetuadora é sentida.

### *Medo*

Nosso experimento teria dado um resultado diferente se o choque tivesse sido contingente à resposta, em outras palavras, se a pressão à barra tivesse sido punida. O rato teria igualmente parado de pressionar a barra, mas o estado corporal teria sido diferente. Provavelmente, ele teria sido chamado de medo. A ansiedade, talvez, seja uma espécie de medo (nós diríamos que o rato estava “com medo de que ocorresse outro choque”), mas isso é diferente de estar “com medo de pressionar a barra” porque o choque ocorreria. A diferença entre as contingências é inconfundível.

Jovens behavioristas, às vezes, apresentam um exemplo de medo, relevante neste contexto, quando dizem alguma coisa que os agrada, ou que os enfurece, e ficam embaraçados por terem dito isso. A etimologia da palavra *embaraço* (embarrassment) como uma espécie de medo é significativa. A raiz é *bar*, e jovens behavioristas sentem-se barrados (barred) para falar livremente sobre seus sentimentos porque as pessoas que entendem pouco do behaviorismo os tem ridicularizado quando o fazem. Realizar uma análise de embaraço sem fazer alusão aos antecedentes ou conseqüentes é difícil, senão impossível, mas as contingências são suficientemente claras. Em geral, quanto mais sutil o estado sentido, maior é a vantagem de voltar-se para as contingências.

Esse tipo de análise tem um significado importante para duas questões práticas: quanto podemos chegar a saber sobre o que outra pessoa está sentindo e como o que é sentido pode ser mudado? Não é suficiente perguntar a outra pessoa o que ela está sentindo, nem como está sentindo, porque as palavras que ela usará para responder foram adquiridas, como se sabe, de pessoas que não sabiam exatamente sobre o que estavam falando. A mesma coisa deve ter acontecido quanto ao primeiro uso de palavras para descrever estados privados. A primeira pessoa a dizer “Estou preocupado” (“I’m Worried”) apropriou-se de uma palavra com o significado de “sufocado” (“choked”) ou “estrangulado” (“strangled”). (*Raiva* (anger), *angústia* (anguish) e *ansiedade* (anxiety) também se relacionam a uma outra palavra que significa “sufocado” (“choked”). Porém, quanto o estado corporal era parecido com o efeito de sufocamento quando a palavra foi

usada para descrevê-lo? Todas as palavras usadas para designar sentimentos começaram como metáforas, e é significativo que a transferência sempre tenha sido do público para o privado. Nenhuma palavra parece ter sido originalmente cunhada para denominar um sentimento.

Não precisamos usar os nomes dos sentimentos se podemos ir diretamente aos eventos públicos. Ao invés de dizer: “Eu estava com raiva”, nós podemos dizer: “Eu teria batido nele”. O que foi sentido foi uma inclinação para bater no outro, e não o bater propriamente dito, mas os estímulos privados devem ter sido os mesmos. Um outro modo de relatar o que sentimos é descrever uma situação capaz de gerar a condição sentida. Depois de ler pela primeira vez a tradução de Homero feita por Champman, Keats relatou que havia se sentido “como um observador dos céus quando um novo planeta emerge no seu horizonte.” Foi mais fácil para seus leitores sentirem o que um astrônomo teria sentido ao descobrir um novo planeta do que o que Keats sentiu ao ler o livro.

Às vezes, se diz que podemos fazer contato direto com o que outra pessoa sente através da compaixão ou da empatia. A compaixão parece ser reservada a sentimentos de dor; nós sentimos compaixão por alguém que perdeu sua fortuna, e não por quem ganhou uma. Quando temos empatia, dizemos que projetamos nossos sentimentos em outra pessoa, mas na realidade não podemos ficar transferindo sentimentos de um lugar para outro, além de que também podemos projetá-los em coisas, como na antropopatia. A ira do rei Lear não é absolutamente idêntica ao que sentimos num acesso de fúria. Compaixão e empatia parecem ser efeitos da imitação. Por razões genéticas ou pessoais, tendemos a fazer o que os outros estão fazendo e podemos, então, ter estados corporais semelhantes para sentir. Quando fazemos o que outras *coisas* estão fazendo, é pouco provável que estejamos compartilhando sentimentos.

Compaixão e empatia não podem nos dizer, exatamente, o que a pessoa sente, porque parte do que é sentido depende do contexto em que o comportamento ocorre, e isso está, usualmente, faltando na imitação. Quando o LSD atraiu a atenção pela primeira vez, os psiquiatras tiveram grande interesse em consumi-lo, para poderem vivenciar o estado psicótico, mas agir como psicótico à custa de droga pode não criar a condição sentida por aqueles que são psicóticos por outras razões.

Fica claro que conhecemos o que outra pessoa sente somente quando nos comportamos como ela, quando falamos que conhecemos o que os membros de outras espécies sentem. Presumivelmente, teremos maior tendência a evitar ferir animais se aquilo que eles fazem se parecer com o que faríamos se fôssemos feridos da mesma maneira. É por isso que temos maior tendência para ferir animais como peixes, cobras e insetos, que não se comportam como nós. Certamente, é rara uma pessoa que não mataria uma mosca.

Quando queremos mudar sentimentos é mais importante enfatizar o que é sentido do que o sentimento. As drogas, com certeza, são freqüentemente utilizadas com esse propósito. Algumas delas (aspirina, por exemplo) quebram a conexão com o que é sentido. Outras criam estados que parecem competir com ou mascarar estados de perturbação. De acordo com comerciais da televisão americana, o álcool propicia a boa camaradagem do *ágape* e espanta preocupações. Mas, essas são medidas temporárias e seus efeitos são necessariamente simulações imperfeitas daquilo que é naturalmente sentido na vida diária porque os contextos naturais estão faltando.

Os sentimentos são mais facilmente mudados alterando os contextos responsáveis pelo que é sentido. Poderíamos ter aliviado a ansiedade de nosso rato desligando o som. Quando o ambiente não pode ser mudado, uma nova história de reforçamento pode alterar seu efeito. Em seu famoso livro *Emílio*, Rousseau descreveu o que é hoje chamado de dessensibilização. Se um bebê fica amedrontado quando é colocado na água fria (presumivelmente uma resposta inata), comece com água quente e reduza a temperatura um grau por dia. O bebê não se amedrontará quando a água estiver, finalmente, fria. Algo desse tipo poderia igualmente ser feito, disse Rousseau, com reações sociais. Se uma criança fica assustada com um pessoa que aparece com uma máscara ameaçadora, comece com uma agradável, e vá alterando-a um pouquinho por dia, até torná-la ameaçadora e, então, ela já não causará medo.

A psicanálise tem uma grande preocupação com a descoberta e a alteração de sentimentos. A análise, às vezes, parece funcionar por extinguir os efeitos de velhas punições. Quando o paciente descobre que o comportamento obsceno, blasfemo ou agressivo é tolerado, o terapeuta emerge como uma audiência não-punitiva. O comportamento “reprimido” por punições anteriores começa, então, a aparecer. “Torna-se consciente”, simplesmente no sentido de que começa a ser sentido. O comportamento outrora ofensivo não é punido, mas também não é reforçado, e eventualmente sobrevém a extinção, um método de erradicação menos perturbador que a punição.

Os psicólogos cognitivistas estão entre aqueles que mais freqüentemente criticam o behaviorismo por negligenciar os sentimentos, mas eles próprios fizeram muito pouco nesse campo. O computador não é um modelo útil. Os psicólogos cognitivistas são especialistas no comportamento de falantes e ouvintes. Ao invés de arranjar contingências de reforçamento, com freqüência eles simplesmente as descrevem. Ao invés de observar o que seus sujeitos fazem, em geral eles apenas perguntam o que provavelmente fariam. Mas, as formas de comportamento mais freqüentemente associadas com sentimentos não são fáceis de serem colocadas sob controle verbal. “Ânimo!” ou “Divirta-se!” raramente funcionam. Apenas o comportamento operante pode ser executado em resposta a um conselho, mas se ocorre apenas por essa razão, padece das mesmas deficiências do comportamento imitativo. O conselho deve ser atendido e as conseqüências reforçadoras devem se seguir antes que a condição corporal, que se pretende como efeito do conselho, sejam sentidas. Se as conseqüências não vêm imediatamente, o conselho deixa de ser seguido ou o comportamento se resume em ouvir o conselho.

Felizmente, nem tudo o que sentimos é perturbador. Nós apreciamos vários estados de nossos corpos e, porque são positivamente reforçadores, fazemos o que for necessário para produzi-los. Lemos livros e assistimos à televisão e, uma vez que procuramos nos comportar como os personagens, sentimos e, possivelmente, desfrutamos estados corporais relevantes. As drogas são consumidas por causa de efeitos reforçadores positivos (mas, o reforçamento é negativo quando elas são consumidas principalmente para aliviar sintomas de abstinência.) Religiosos místicos cultivam estados corporais especiais, através de jejum, permanecendo imóveis, em silêncio, recitando mantras e assim por diante. Corredores dedicados, freqüentemente, relatam um estado agradável produzido pelas corridas.

Restringir a análise dos sentimentos ao que é sentido pode parecer negligenciar uma questão essencial: o que é *o sentimento* em si mesmo? Podemos fazer um pergunta parecida a respeito de qualquer processo sensorial, por exemplo, o que é *visão*? Os

filósofos e os cognitivistas evitam essa questão por entenderem que ver algo é fazer algum tipo de cópia, uma “representação”, para usar a palavra corrente. Mas, fazer uma cópia pode não ser visão, porque a cópia por sua vez tem que ser vista. Nem é suficiente, por certo, simplesmente dizer que ver é comportar-se; é apenas parte do comportar-se. É “ir se comportando até o ponto de atuar”. Infelizmente, o que acontece até esse ponto está fora do alcance dos instrumentos e dos métodos do analista do comportamento e precisa ser deixado a cargo do fisiologista. O que resta para o analista são as contingências de reforçamento sob as quais as coisas vêm a ser vistas e as contingências verbais sob as quais vêm a ser descritas. No caso do sentimento, tanto as condições sentidas, quanto o que é feito ao senti-las, deve ser deixado ao fisiologista. O que fica para o analista comportamental são as histórias genética e pessoal responsáveis pelas condições corporais que o fisiologista descobrirá.

Existem muitas boas razões para que as pessoas falem sobre seus sentimentos. O que elas dizem é, em geral, uma indicação útil do que lhes aconteceu ou sobre o que poderão vir a fazer. Quando vamos oferecer um copo de água a um amigo, não perguntamos: “Há quanto tempo você não bebe água?” ou “Se eu lhe oferecer um copo de água, quais as chances de você aceitar?”. Nós dizemos: “Você está com sede?”. A resposta nos informará tudo o que precisamos saber. Entretanto, em uma análise experimental, temos que ter uma avaliação melhor das condições que afetam a hidratação, bem como uma medida melhor da probabilidade de que um sujeito venha a beber. Um relato a respeito de quanto o sujeito se sente sedento não é suficiente.

Entretanto, pelo menos por três mil anos, os filósofos, a quem se juntaram recentemente os psicólogos, tem procurado dentro de si mesmos as causas de seus comportamentos. Por razões que estão se tornando claras, eles nunca concordaram sobre o que encontraram. Os fisiologistas, e especialmente os neurologistas, olham para o mesmo corpo de uma maneira diferente e potencialmente bem sucedida, mas, mesmo quando o tenham visto mais claramente, não terão visto causas iniciadoras do comportamento. O que verão deverá ser explicado, por seu turno, pelos etólogos, que buscam explicações para a evolução das espécies, ou por analistas do comportamento, que olham para as histórias dos indivíduos. A inspeção ou introspecção do próprio corpo é um tipo de comportamento que precisa ser analisado, mas como a fonte de dados para uma ciência é, sem dúvida, apenas de interesse histórico.